

Nietzsche, Arendt e a crítica aos excessos da tradição platônico-cristã

Lara Bethânia Zilio¹

Hannah Arendt foi uma leitora atenta da obra de Nietzsche, considerado por ela um dos principais psicólogos modernos, junto com Kierkegaard e Dostoiévski. Nietzsche e Arendt se inspiram na Grécia pré-filosófica em suas críticas à tradição platônico-cristã e à modernidade, entendida como a sua herdeira. Para estes pensadores, a tradição platônico-cristã impulsionada pelo ressentimento, dispara a tentativa niilista de suplantar a contingência e criar um mundo sem riscos e sem sofrimento. Os movimentos modernos representariam a culminação deste processo niilista em suas tentativas de “estabelecer o céu na Terra” e fabricar o futuro, tentando, sem sucesso, anular o caráter trágico da ação. Nesta comunicação buscamos evidenciar a afinidade entre a crítica nietzschiana aos excessos da tradição platônico-cristã e as reflexões de Arendt. Indicaremos que, de modo semelhante a Nietzsche, Arendt enxerga na história do Ocidente um processo de radicalização constante do niilismo que, em sua negação do mundo e da condição humana (de mortalidade, contingência e pluralidade) produz uma “tirania da Verdade” e uma “desmedida do Bem”, cujos efeitos seriam piores que os males que pretendiam sanar. Para Arendt, produzem totalitarismo, como uma ameaça sempre presente e, para Nietzsche, transformam o homem no “último homem”, um sublime aborto, uma vontade paralisada.

Palavras-chave: Nietzsche; Arendt; tradição platônico-cristã.

Nietzsche, Arendt and the criticism of the excesses of the Platonic-Christian tradition

Hannah Arendt was a mindful reader of Nietzsche, considered by her one of the main modern psychologists alongside Kierkegaard and Dostoiévski. The criticisms both Nietzsche

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política/UFSC. Membro do Grupo de Estudos Nietzsche e Teoria Política.

and Arendt make towards the Platonic-Christian tradition and modernity (the latter seen as the heir of the former) have been inspired by pre-philosophical Greece. To these thinkers, Platonic-Christian tradition, propelled by resentment, triggers the nihilist attempt at superseding contingency and creating a painless and risk-free world. Modern movements in their trying to “establish heaven on Earth” and manufacture the future represent the culmination of this nihilist process, as it tries and fails to nullify the tragic aspect of human action. On this paper I seek to demonstrate the parallels between Nietzsche's criticism to excesses in the Platonic-Christian tradition and Arendt's reflections. I shall point out that, similarly to Nietzsche, Arendt sees in the Western history as a process of constant radicalization of nihilism which, in its denial of the world and of the human condition (mortality, contingency and plurality), produces a “tyranny of Truth” and an “excessive Good”, whose effects are worse than the evils they proclaim to heal. To Arendt, they produce totalitarianism, as ever-present threat and, to Nietzsche, turn humans into “the last man”, a sublime abortion, a paralyzed will.

Keywords: Nietzsche, Arendt, Platonic-Christian tradition.